

JOSÉ MIGUEL CARDOSO

Os Sapatos de Deus

Para um decálogo do Cristianismo

Prefácio de
Card. José Tolentino de Mendonça



Prefácio

Pôr-se a caminho

Talvez a primeira interrogação com que lidar para adentrar-se na aventura deste belíssimo livro nasça da estranheza que o seu título desperta. É verdade que o subtítulo, «Para um decálogo do Cristianismo», vem em nosso socorro, descrevendo a proposta teológica aqui contida como *deca-lōgus*, isto é, dez palavras do Cristianismo. Não tanto no sentido normativo (ainda que a palavra decálogo faça imediatamente pensar na definição bíblica dos preceitos da Lei), mas enquanto léxico portátil ou pequeno dicionário que registra e explica à contemporaneidade dez entradas possíveis na experiência cristã. Claro que a literalidade com a qual José Miguel Cardoso joga, chamando aos dez capítulos da sua obra “decálogo”, estabelece um impactante efeito circular que depois na leitura se adverte, e que a torna intensa, convincente e em tantos momentos comovedora. Assumindo que a sua finalidade não é uma explanação exaustiva do Cristianismo, mas antes o reflexo de algumas das suas centelhas determinantes, a verdade é que o fogo de uma revelação se ateia e, porventura, daremos por nós, como a amada do Cântico dos Cânticos (Ct 5,3) com uma pergunta que se torna uma decisão: «Já lavei os meus pés./Vou sujá-los de novo.» Como quem diz: “já tinha arrumado o assunto, mas vou reabrir a procura, vou colocar-me a caminho”. Para isso servem os livros de Teologia: para incitar-nos à viagem, para iniciar-nos na itinerância interior, para mobilizar-nos para uma busca essencial onde as razões da inteligência dialogam sem preconceitos com as razões do coração. E para isso servem também os sapatos. «A vida é uma jornada para ser percorrida a pé», recordou o

escritor-nômade Bruce Chatwin. Os sapatos são facilitadores da nossa deslocação, e, ao mesmo tempo que tornam o mundo mais acessível, avizinham-nos também do seu mistério. Sendo estranhos à pele, os sapatos tornam-se outra pele com a qual a nossa história se conta. Eles não narram só os caminhos que trilhamos: narram também, para quem quiser ver, a forma e a orientação do nosso próprio caminhar. Por isso, os sapatos são um signo secundário e, contudo, potente. Incrivelmente autobiográfico. Basta pensar em alguns dos exemplos citados por José Miguel Cardoso: o calçado de Moisés e os sapatos de Charles Chaplin, as sandálias do filho pródigo e as emblemáticas sapatilhas de Carlos Acutis, um santo dos nossos dias.

Comecei este texto por aludir à estranheza do título com o desejo de sublinhar a sua eficácia. A quem temer que seja demasiado excêntrico o motivo, lembro a importância que têm uns sapatos na argumentação que o filósofo Martin Heidegger desenvolve no seu célebre ensaio «A origem da obra de arte». Um dos fios condutores são exatamente os sapatos pintados por Van Gogh e é inesquecível o modo como os compara aos sapatos de trabalho dos camponeses e os descreve:

Na dura gravidade do calçado, retém-se a tenacidade do lento caminhar pelos sulcos que sempre iguais se estendem longe pelo campo, sobre o qual sopra um vento agreste. No couro aloja-se a humidade e a fatura do solo. Sob as solas demove-se a solidão do caminho do campo pelo final de tarde. No calçado vibra o quieto chamamento da terra, a sua silenciosa oferta do trigo maduro, a sua inexplicável recusa na desolação do campo no inverno. Por esse utensílio passa o calado desassossego pela segurança do pão, a alegria sem palavras por ter mais uma vez suportado a falta.

Porém, Heidegger vai mais longe. Como deixa bem explicado, a grandeza da obra de arte não é a imitação da realidade, mas a capacidade de «tornar-se evento histórico da verdade». A arte ativa a verdade e não simplesmente alguma coisa de verdadeiro. Fixando aqueles «sapatos vazios parados, fora de uso», «a pintura de Van Gogh é o abrir-se daquilo que o par de sapatos de campo-nês, na verdade é».

Quando José Miguel Cardoso, um dos mais prometedores teólogos de língua portuguesa, apresenta como seu programa intervir na acessibilidade da Teologia não pretende naturalmente sacrificar a exigência e a complexidade que um exercício denso de pensamento representa. A extensa bibliografia que a sua obra percorre dá disso testemunho, mas também a desenvoltura com que cruza autores e áreas de conhecimento, num fecundo esforço de interdisciplinaridade. A acessibilidade da Teologia constrói-se aqui na abertura corajosa àquilo que a verdade é, dirigindo para ela o que o Papa Leão XIV chama «a atenção do coração».

Resta-me desejar boa leitura.

Cardeal José Tolentino de Mendonça

Introdução

Jesus começou a percorrer as redondezas, ensinando nos povoados. Chamou os Doze discípulos, começou a enviá-los dois a dois e dava-lhes poder sobre os espíritos maus. Jesus recomendou que não levassem nada para o caminho, além de um bastão; nem pão, nem sacola, nem dinheiro na cintura. Mandou que andassem de sandálias e que não levassem duas túnicas. E Jesus disse ainda: «Quando entrardes numa casa, ficai nela até partirdes. Se fordes mal recebidos num lugar e o povo não vos escutar, quando sairdes sacudi a poeira dos pés como protesto contra eles.» Então os discípulos partiram e pregaram para que as pessoas se convertessem. Expulsavam muitos demónios e curavam muitos doentes, ungindo-os com óleo. (Mc 6,6-13)

I. Filosofia dos sapatos

A presença ou ausência de sapatos revela muito da Humanidade. Desde o seu início até aos nossos dias, os sapatos passaram de meros acessórios a objetos de luxo. Eles associam-se a uma característica determinante do humano: a mobilidade. Os sapatos são o principal ponto de contacto do nosso corpo com o espaço, sendo uma espécie de “extensão corpórea”. Mas além do carácter prático, os sapatos revelam muito de nós próprios: o nosso estilo, os nossos estados psicológicos, o nosso estatuto social ou mesmo até a nossa personalidade¹.

Os sapatos sempre tiveram um significado cultural muito diversificado. Citamos alguns exemplos: o seu uso em certos rituais

¹ Cf. RIELLO – McNEIL, *Shoes*, 3.

religiosos nas comunidades primitivas do Oriente (ligados aos ritos de purificação); a restrição dos sapatos aos escravos/prisioneiros na Antiguidade para dificultar as suas fugas; os sapatos apertados e desconfortáveis para as senhoras na Idade Média não se ausentarem demasiado longe dos seus palácios (à semelhança da cultura chinesa que apertava os pés das raparigas/mulheres para incutir uma submissão masculina); na sociedade Oriental, a espessura da sola expressava o estatuto social; na época industrial, uma criança descalça era sinal de pobreza ao passo que, paradoxalmente, na atual época do consumismo uma criança que use sapatos em segunda mão exprime o mesmo sinal de pobreza (obviamente, na ótica consumista); na revolução social da década de 60, as sapatilhas brancas (limpas) usadas pelos jovens eram expressão da sua revolta social, enquanto marca identitária².

Na sua etimologia, o termo “calçado” (provindo de “calcanhar”) assumiu diversas denominações, estando a sua forma originária associada à palavra “sandália”. Um vocábulo que provém do latim *sandalium*, derivado do grego σανδάλου, com origem na raiz acádica *šandu* (ligação) + *allu* (coisa), originária da raiz semítica *šmd* (ligar). Numa tradução livre, sandália expressava, assim, os laços (de couro) que ligavam os pés a uma sola³. A propósito, um dos primeiros livros sobre a história dos sapatos fora escrito por Benedictus Balduinus e Julius Nigronius em 1667, intitulado *De Calceo Antiquo*⁴.

Embora seja difícil precisar uma data para o início do uso frequente de calçado, há cerca de 5 000 anos os egípcios já usavam chinelos de papiro e couro (protótipo de sandálias) para se

² Cf. *Idem, ibidem*, 5-11.

³ Cf. SEMERANO, «σανδάλου», 254.

⁴ BALDUINUS – NIGRONIUS, *De Calceo Antiquo*, Amstelodami: sumptibus Andreae FrisI, 1667.

proteger do calor do deserto. Mais tarde, os gregos valorizaram sobretudo a ornamentação do calçado e os romanos desenvolveram as sandálias reforçadas para os soldados. Na Idade Média, surgem os sapatos propriamente ditos (que cobrem a totalidade do pé e geralmente com a ponta alongada), destacando-se a figura social do sapateiro, uma profissão muito respeitada nas cidades. Com o Renascimento, retorna-se ao sapato mais prático e cómodo, até que a revolução industrial opera uma progressiva mudança no calçado. E, se antigamente uma pessoa usava um par de sapatos para toda a vida, hoje deparamo-nos com uma proliferação de sapatos que usamos diariamente em virtude dos vários espaços e finalidades com que são usados. Em todo este percurso, vemos como o sapato passou de um objeto de sobrevivência a uma forma de arte.

Dada a relevância do sapato na história da Humanidade, será que este é também um elemento fundamental para o Cristianismo?

2. Sapatos bíblicos

Um dos princípios da exegese bíblica diz-nos que nada do que está na Escritura está por acaso, seja o que é dito e o que é omissa, sejam os elementos cruciais ou os detalhes despercebidos⁵. Talvez à primeira vista o tema dos sapatos possa ser um detalhe secundário na Escritura, quando, na verdade, ele é detentor de uma rica pluralidade semântica, atravessando os seus vários livros. Vejamos alguns exemplos em pormenor.

⁵ Cf. DV 12; MANNUCCI, *Bíblia. Palavra de Deus*, 377-379.

2.1 Pluralidade semântica

O termo hebraico geralmente usado no Antigo Testamento (AT) para calçado (sandália) era *na'al*, traduzido na LXX⁶ por ὑπόδημα e σανδάλου⁷. Os israelitas, comumente, andavam descalços, sobretudo se eram pobres ou prisioneiros⁸. Os sapatos que usavam eram uma espécie de sandálias, constituídas pela sola, que se prendia ao pé com uma correia/cordão de cabedal, e, frequentemente, por um contraforte no calcanhar (Gn 14,23; Ez 16,10; Jt 10,4; 16,9; Is 5,27). Contudo, na cultura hebraica, à semelhança das restantes culturas dos povos antigos do Médio Oriente, as sandálias «não são apenas um artigo de vestuário, mas possuem também um significado simbólico»⁹. De um modo genérico, podemos elencar oito significados.

Em primeiro, o significado mais preponderante: um *sinai sagrado*. Quando, no Monte Horeb, Moisés se aproxima da sarça ardente para observar o que era aquilo, ouve a voz de Deus que o chama e diz: «Não te aproximes. Tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde estás é um lugar sagrado» (Ex 3,5; cf. At 7,33). Encontramos uma passagem paralela mais tarde com Josué, quando, nas proximidades de Jericó, o anjo do Senhor lhe aparece e diz: «Tira as sandálias dos pés, porque o lugar que pisas é sagrado» (Js 5,15). Embora Deus seja onnipresente, naquele espaço do Monte Horeb temos uma manifestação divina mais visível, pelo que aquele local estava “santificado”, consagrado, separado, diferenciado dos outros espaços comuns, pois estava tomado pela

⁶ A LXX (numeração romana do número 70) trata-se da versão da tradução da Bíblia hebraica para grego, feita entre os séc. III-II a. C. em Alexandria (Egito), de modo a assegurar o acesso à Escritura à comunidade judaica que falava grego. O nome advém do facto de, segundo a tradição, serem 70 tradutores que trabalharam sobre o texto. Cf. MARCOS, *La Bibbia dei Settanta*, 33-36.

⁷ RINGGREN, «na'al», 919.

⁸ Cf. BORN - LEMAIRE, «Calzatura», 283.

⁹ SPEISER, «Of Shoes and Shekels», 15.

presença viva de Deus. Retirar as sandálias num espaço sagrado não era algo estranho para Moisés, dado que esse era já um hábito na cultura egípcia (ex.: retirar as sandálias no palácio do faraó), a qual ele conhecia bem (Ex 2,10). Uma vez que as sandálias estavam imundas, pois pisavam a sujidade do mundo, tirar as sandálias era garantir que os espaços sagrados não seriam contaminados, bem como um sinal de reconhecimento da autoridade/superioridade do outro (Deus) sobre si. Aliás, assim acontece hoje nas mesquitas do Islão: antes de entrar, deve-se deixar os sapatos na antecâmara.

Segundo, um *sinal de compromisso*. Numa situação comercial ou de resgate, para se confirmar o compromisso de pagamento ou troca, tirava-se uma sandália e dava-se ao outro, a qual servia como prova diante de testemunhas (Rt 4,7-10).

Terceiro, um *sinal de desonra*. Eram retiradas as sandálias a quem recusasse cumprir o seu dever de levirato. A lei do levirato consistia em que, quando dois irmãos moravam em conjunto e um deles morria sem deixar filhos, o seu irmão deveria tomar a sua cunhada (mulher do seu irmão) como sua esposa e dar-lhe descendência em memória do irmão falecido. Se recusasse fazê-lo, a cunhada tinha o direito de, na frente dos anciãos, retirar-lhe a sandália do pé como sinal da sua desonra e falta de respeito para com o irmão falecido (Dt 25,5-10). Na mesma linha, embora na descrição das vestes sacerdotais não venha referido o calçado (Ex 29; 39), retirar as sandálias a um sacerdote era um sinal da sua desonra (Job 12,19).

Quarto, um *sinal de propriedade*. Quando alguém colocava as suas sandálias num determinado espaço, isso era o sinal de que a partir daquele momento esse espaço era propriedade sua (Sl 60,10; 108,10).

Quinto, um *sinal de discriminação*. É o caso do profeta Amós que adverte contra os crimes praticados contra os pobres,

sobretudo o facto de os desprezarem e de os comprarem/venderem ao preço de um par de sandálias (Am 2,6; 8,6).

Sexto, um *senal de caridade*. De um Deus que dá sandálias ao seu povo para caminhar para a liberdade (Ez 16,10) ou aqueles que cuidam dos prisioneiros de guerra, nomeadamente com o ato de os calçar (2Cr 28,15). Mas também acautela à caridade enganadora: como o uso propositado de sandálias velhas só para iludir os outros (Js 9,5.13).

Sétimo, um *senal de humildade*. Quando João Batista pregava a vinda do Messias, referia que Este era mais forte do que ele e a quem o próprio João não era digno de Lhe desatar as correias das sandálias (Mc 1,7; Lc 3,16; Jo 1,27; At 13,25). Segundo uma tradição descrita no Talmude Babilónico (que, entre outros elementos, recolhe textos sobre os costumes do Povo Hebreu), um discípulo deve prestar ao seu mestre todo o tipo de serviço que um escravo presta ao seu senhor, apenas com a exceção de Lhe desatar as sandálias. Logo, quando João diz que nem sequer é digno de desatar as sandálias, significa que vê o seu nível de discipulado no estado mais humilde e submisso que pode haver, à semelhança do escravo¹⁰. Uma situação paralela é o posterior gesto do lava-pés de Jesus aos seus discípulos (Jo 13,1-20): sendo o mestre a lavar os pés aos discípulos, e não o inverso, Jesus ensina-lhes o ponto máximo da humildade (e da caridade)¹¹. Uma outra interpretação exegética relê a mesma humildade de João apontando ao facto de, segundo a mesma lei do levirato, ele não se sentir digno de reivindicar qualquer direito de aquisição “esposal” sobre o Povo de Israel, dado que não era ele o Messias de Deus (esposo)¹².

¹⁰ Cf. PEREGO, Marco. *Introduzione, traduzione e commento*, 44.

¹¹ Cf. SCHNACKENBURG, *Il Vangelo di Giovanni*, III, 19.

¹² Cf. CRIMELLA, Luca. *Introduzione, traduzione, commento*, 94-95.

Oitavo, uma *variedade de outros sinais*. Em particular: *advertência*, que o sapato não pise o solo com arrogância (Is 9,4); *violência*, cujas sandálias ensanguentadas são sinal de guerra (1Rs 2,5); *beleza*, como as sandálias próprias para a dança (Ct 7,1ss); *protesto*, pois se no ritual fúnebre era costume tirar-se o turbante da cabeça e as sandálias dos pés, o profeta comunica ao povo para não cumprir este ritual (Ez 24,23)¹³; *corrupção*, oferecer sandálias com o intuito de obter dividendos (Ecl 46,19; cf. 1Sm 12,3).

A pluralidade destes sinais confirma que o calçado não é um tema secundário na Escritura, possuindo um amplo valor simbólico. Mas além destes significados genéricos, queremos agora evidenciar um outro, tendo em conta o propósito desta obra.

2.2 Finalidade missionária

No excerto bíblico com que se inicia esta obra, quando Jesus envia os seus discípulos em missão, os sapatos assumem uma pertinente finalidade missionária. À primeira vista, numa leitura sinótica, observamos uma disparidade entre os textos evangélicos, porque Jesus tanto ordena que levem sandálias (Mc 6,9) como que não as levem (Mt 10,10; Lc 10,4).

Diversos exegetas bíblicos debruçaram-se sobre esta “contradição” com várias teorias quanto à proibição das sandálias (Mt e Lc), ora indicando que Jesus proibira apenas o uso de um certo tipo de sapatos, ora reiterando que Jesus apenas proibiu a compra de outros pares de sandálias além das que levavam, ora supondo um erro de tradução na passagem da tradição oral para a tradição escrita¹⁴. Tendo consciência da problemática exegética, optamos aqui pela versão de Marcos (de que eles levariam

¹³ Cf. RINGGREN, «*na'al*», 917.

¹⁴ Cf. OEPKE, «*ὐποδέω*», 873-874 (nota 6).

um par de sandálias), por três motivos: por ser a versão evangélica mais antiga, por ser quase impossível fazer viagens distantes na Palestina estando descalço¹⁵ e pelo significado teológico do uso das sandálias.

Para melhor explicar este último motivo, seguimos o princípio hermenêutico do *midrash* hebraico, confrontando o tema das sandálias com outras passagens bíblicas. Nesta leitura cruzada, retemos que o uso das sandálias, no fundo, remete para a radicalidade da missão, a qual comporta três elementos interligados: a *prontidão*, pois quando Deus chama/fala/anuncia, devemos estar preparados com sandálias nos pés prontos para iniciar a missão de imediato (Cf. Ex 12,11); o *desprendimento* dos bens materiais, para que os discípulos se foquem no essencial da missão (ou seja, que os bens materiais não sejam motivo de distração ou distorção da ação missionária), de tal modo que Jesus exige o mínimo de que um viajante na Antiguidade teria necessidade¹⁶; e a *confiança na providência divina*, na certeza de que Deus os ajudará na logística da missão¹⁷. Como prova disso está a pergunta posterior de Jesus, na versão lucana: «“Quando vos enviei sem bolsa, sem sacola, sem sandálias, faltou-vos alguma coisa?” Eles responderam: “Nada”» (Lc 22,35). Este facto lembra-nos uma outra passagem precedente, quando Deus recorda ao Povo que o fez andar 40 anos pelo deserto sem que «as sandálias dos vossos pés se gastassem» (Dt 29,4; Cf. Dt 8,4). Qual a finalidade última deste caminhar? Isaías responde: «Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa notícia, que anuncia a salvação» (Is 52,7; Cf. Rm 10,15). E noutra passagem:

¹⁵ Cf. OEPKE, «ὕποδός», 874 (nota 7).

¹⁶ Cf. CRIMELLA, *Luca. Introduzione, traduzione, commento*, 194.

¹⁷ Cf. PEREGO, *Marco. Introduzione, traduzione e commento*, 134.

«o Senhor [...] enviou-me para dar a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros»... (Is 61,1). Quando entra na sinagoga e lê esta passagem (Lc 4,18-19), Jesus não só se apresenta como o mensageiro, mas também como a mensagem.

Mesmo quando a missão enfrenta imprevistos¹⁸, as sandálias são sempre um elemento crucial, como comprova o caso de Pedro: quando estava na prisão, o Anjo solta-o e diz-lhe: «calça as sandálias» (At 12,8), como que o relançando para a missão. Na verdade, a missão continua hoje, prevalecendo a vocação de Abraão da qual somos descendentes (Gl 3,16-18): «Vai para a terra que Eu te mostrar» (Gn 12,1). Mas onde é esta terra?

3. Dos sapatos às palavras

Como em qualquer outra época, o Cristianismo enfrenta os desafios específicos deste tempo. Na certeza de que «o Cristianismo está mais no início que propriamente no fim da sua história no mundo»¹⁹, importa discernir o modo de saber habitar o seu tempo e a terra que pisa.

O Cristianismo é a “religião da Palavra”, não a “religião do Livro”²⁰. Deus fala por meio de palavras²¹, cuja Palavra por excelência é o Verbo (Jo 1,1.14): a palavra perfeita do Pai e a palavra encarnada na qual o Pai Se exprime a Si próprio e exprime todas as coisas²². Portanto, o Verbo (Filho de Deus encarnado na pessoa de Jesus Cristo) é a palavra primordial, pois gerada no seio de

¹⁸ A propósito, recorde-se que, num caso extremo, pode acontecer que Deus ordene o não uso de sandálias, tal como ordenara o profeta Isaías a despir-se e andar descalço a fim de evidenciar o presságio da sua mensagem (Is 20,2).

¹⁹ METZ, *Zur Theologie der Welt*, 64.

²⁰ Cf. CIC 108.

²¹ Cf. DV 10.

²² Cf. BEGASSE DE DHAEM, «La Sacra Scrittura, anima della teologia», 250-251.

Deus, e da qual procedem todas as outras palavras. Esta mesma Palavra, após encarnar, comunica a eternidade incriada à realidade criada, fazendo-Se explicitar por uma multiplicidade de palavras. Se toda a criatura é uma palavra de Deus²³, no dizer de Boaventura de Bagnoregio (1221-1274), então o humano só compreende plenamente a sua existência à luz desta palavra primordial.

No meio dos diversos dicionários do mundo, só a Palavra primordial de Deus (Jesus Cristo) oferece a chave de leitura para o humano ler o livro da sua vida, que não é outra coisa senão o prolongamento da vida de Deus. Por isso, a Igreja não pode guardar para si estas palavras de vida eterna, mas deve comunicá-las a cada pessoa do nosso tempo, pois o Verbo (Logos) é, no fundo, um «Logos da Esperança», que ensina o humano a viver segundo este dinamismo de esperança²⁴. Em rigor, só o «Verbo da vida» (1Jo 1,1) pode gerar vida à nossa vida.

Desta relação umbilical com as palavras, o Cristianismo pode ser sintetizado num conjunto de palavras centrais que, ao mesmo tempo, se torna um património linguístico que ele deve proteger e promover. O Evangelho, enquanto “conjunto de palavras que expressam a Boa-Nova”, é também um *anúncio linguístico*: anunciar certas palavras no meio dos outros vocabulários mundanos.

Na obra *Cien años de soledad*, o nobel da literatura Gabriel García Márquez (1927-2014) conta-nos a história imaginária de uma comunidade (Macondo) liderada por José Arcadio Buendía. A narrativa descreve a história geracional da família Buendía no cruzamento com outras famílias desta comunidade, tocando temas existenciais como a solidão, os amores proibidos, a religião, a doença, a superstição e a política. No meio das peripécias desta pequena

²³ Cf. BONAVENTURA DE BALNEOREGIO, *Commentarius in Ecclesiasten*, c. 1, q. 2, resp.

²⁴ Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 91.

comunidade, inicialmente composta por apenas 20 casas e cuja população aumenta com o tempo, a determinado momento ela é afetada por uma “pandemia da insónia”, levando a população a perder a memória. O caos instala-se de imediato, porque as pessoas deixam de reconhecer-se (ex.: o marido já não sabe quem é a sua esposa...) e já não sabem o nome dos objetos. Para combater esta espécie de Alzheimer, Aureliano (filho de José Arcadio) começa a colocar nos objetos uma folha com o seu nome a fim de não se esquecer. O método será partilhado com toda a comunidade, mas ainda é ineficaz: não bastava escrever o nome das coisas, era precisar escrever também como funcionavam, bem como o que eram os sentimentos e para que serviam²⁵. Sem palavras, a comunidade deixara de funcionar harmoniosamente. Somente graças à lenta reimportação das palavras, a comunidade aprende assim a reviver, até ao dia em que uma poção mágica resolve o problema da falta de memória.

Este exemplo literário recorda-nos uma das funções imprescindíveis do Cristianismo: evitar que certas palavras caiam no desuso, fiquem esquecidas, percam significado cultural... e com isso a Humanidade possa entrar em colapso porque se vê privada de certas palavras estruturais da sua construção social. O Cristianismo deve ser um alerta de certas palavras que são fundamentais não só para o próprio Cristianismo, porque o definem e distinguem, mas também para a própria Humanidade, porque a promovem enquanto tal. Assim sendo, quais são as palavras que definem o Cristianismo e que são fundamentais para a própria Humanidade?

É certo que o Cristianismo se resume numa única palavra, quer dizer, se concentra num único nome: Jesus Cristo, «o Nome que está acima de qualquer outro nome» (Fl 2,9), e a quem a

²⁵ Cf. MÁRQUEZ, *Cien años de soledad*, 62-66.

liturgia católica faz memória a 3 de janeiro (“Dia do Santíssimo Nome de Jesus”). Mas a este nome associa-se um conjunto de outras palavras que o explicam, esclarecem o seu mistério e nararam a sua biografia salvífica. Por sua vez, também o próprio nome de Jesus enriquece essas mesmas palavras com um ulterior significado. Trata-se de uma curiosa relação bilateral. E que palavras são essas afinal?

Obviamente que escolher um conjunto de palavras que sintetizem o Cristianismo é sempre um risco, porque estamos indiretamente a propor um sistema fechado, como se pudéssemos restringir todo o mistério de Jesus (e de Deus) a um grupo restrito de palavras. No entanto, dentro do possível, podemos avançar com uma proposta de palavras precisamente escolhidas a partir da simbologia dos sapatos. Porém, daqui surge um outro problema. Se escolher umas palavras que sintetizem o Cristianismo já é redutor, definir um número específico de palavras ainda mais redutor se torna. Mas se devemos cumprir o nosso propósito, não devemos ter receio de o fazer. Então, quantas palavras devemos escolher?

Partamos de uma analogia bíblica. No seu diálogo com Moisés (Ex 20,1-6; Dt 5,6-10), Deus indica-lhe dez mandamentos que, em síntese, são dez instruções que garantem a aliança do Povo com Deus. Estes mandamentos foram apelidados pela tradição de “Decálogo” (δέκα + λόγος: 10 palavras)²⁶. Com a encarnação do Verbo, estes mandamentos (e leis deles derivados) adquirem uma nova interpretação, dado que Jesus não vem revogar a lei, mas aperfeiçoar a sua compreensão (Mt 5,17). Toda a lei deve agora ser relida à luz de dois mandamentos coordenantes: amar a Deus e amar o próximo (Mt 22,40). O amor torna-se,

²⁶ Cf. CRÜSEMAN, *La Torà*, 432.

assim, na chave de leitura destes “mandamentos de Cristo” (Jo 14,15). Partindo deste decálogo de Deus (AT), passamos agora à proposta de um decálogo de Cristo (NT), ou seja, a dez palavras que possam resumir a identidade do Cristianismo. E daqui chegamos ao ponto nevrálgico desta obra: *conciliar palavras com sapatos*.

Se, por um lado, as palavras nos ajudam a escolher os sapatos, por outro lado, os sapatos exprimem o dinamismo existencial dessas palavras nos trilhos do quotidiano, pois o Verbo (Palavra) é também «o caminho» (Jo 14,6). Assim, sendo, tendo em conta o mandato de Jesus que nos pede para calçarmos os sapatos para anunciar o Evangelho (as palavras de salvação) e dado que hoje usamos uma pluralidade de sapatos, em virtude do espaço ou da função que exercemos, o objetivo passa por fazer corresponder um par de sapatos a uma determinada palavra central do Cristianismo. Daí a razão do nosso título: *Os sapatos de Deus. Para um decálogo do Cristianismo*.

4. Das palavras aos sapatos

Cada vez que um cristão usa esse par de sapatos nos diversos momentos do seu quotidiano, ele sabe que o sapato que usa não é apenas um meio de locomoção, mas acarreta em si uma missão: é uma advertência para viver e anunciar mais intensamente a palavra que esse sapato representa. A metáfora dos sapatos oferece-nos, assim, esta particular vantagem: por serem um objeto de uso quotidiano, eles remetem constantemente o humano para um confronto com essas palavras centrais que queremos evocar. Eles são simultaneamente uma *memória* e uma *práxis*: recordam um conteúdo (palavra) e remetem para uma ação em função desse conteúdo.

Com base nisto, da diversidade de sapatos que temos na nossa sapateira lá em casa, quais são os sapatos que devemos calçar hoje com mais frequência para cumprir esta missão de fazer evidenciar as nossas palavras cristãs no alfabeto do mundo?

Eis a nossa proposta: sapatilhas (ressurreição), sapatos de cerimónia (fé), sapatos rotos (caridade), sapatos de criança (esperança), botas de trabalho (Igreja), chinelos de quarto (família), galochas de campo (ecologia), chinelos de praia (silêncio), sapatos de palhaço (humor) e sapatos de mulher (Maria).

Destas premissas podemos antever desde já os vários limites (defeitos) desta obra: pretender resumir o Cristianismo somente a dez palavras, excluindo outras; sobre estas dez palavras não conseguiremos dizer tudo sobre elas (à semelhança de um “tratado de Teologia”), mas somente pretendemos relê-las e dizê-las de um outro modo e de um modo essencial (“teologia breve”); seguir uma determinada ordem sequencial destas palavras, começando intencionalmente pela ressurreição, se bem que outra ordem sequencial (talvez) seria legítima.

Apresentadas as razões, os conteúdos e os limites desta obra, ela pretende cumprir três objetivos. Primeiro, executar o pedido do Papa Francisco feito no encontro mundial de teólogos promovido pelo Dicastério para a Cultura e Educação da Santa Sé, em 9 de dezembro de 2024: produzir uma teologia acessível a todos²⁷. Não uma teologia elitista, fechada num circuito inacessível, desligada da realidade ou com uma linguagem estranha, mas uma teologia que é capaz de narrar o mistério de Deus mesmo aos mais simples do Reino (Mt 11,25), procurando para tal outras linguagens e fontes que enriqueçam a teologia clássica.

²⁷ Cf. FRANCISCO, *Discurso* aos participantes do Congresso Internacional sobre o futuro da Teologia (9 de dezembro de 2024), 12.

Segundo, em vez de uma teologia argumentativa, a obra opta por uma teologia narrativa²⁸. Mais do que defender a fé, pretende-se explicá-la. Mais do que apresentar fugazmente as ideias, pretende-se mostrar a fecundidade dessas ideias na trama do cotidiano. Curioso que na atual batalha da comunicação, entre “informação” e “narração”, a informação (veloz e plural) até pode ganhar mais espaço no mundo da comunicação, mas não oferece aqueles conteúdos significativos à existência humana²⁹. Só a narração é capaz de cativar intrinsecamente o humano, porque toca profundamente nas feridas reais da sua existência. É a proximidade ao concreto da trama humana que torna a narração mais útil à Humanidade do que a própria informação³⁰. Embora ambas sejam importantes, no que toca às questões essenciais, a narração leva vantagem, porque não se limita a informar (fornecer dados), mas a empurrar o humano para a reflexão, colocando-o diante das perguntas inquietantes³¹.

Terceiro, ao celebrarmos os 1700 anos do Concílio de Niceia (325), o primeiro dos concílios ecumênicos que, entre outras coisas, decretou o primeiro alfabeto teológico (Credo Niceno)³² para toda a Igreja, esta obra pretende refletir precisamente sobre as palavras deste alfabeto, sendo uma homenagem e atualização do legado que este mesmo concílio nos deixou. Das muitas novidades deste concílio, uma prende-se com este detalhe linguístico: a inclusão de palavras culturais como fórmula de fé, indo além das palavras expressas na Escritura, das quais se destaca o

²⁸ Cf. METZ, *Glaube in Geschichte und Gesellschaft*, 186.

²⁹ Cf. HAN, *La crisi della narrazione*, 107-109.

³⁰ Cf. *Idem, ibidem*, 13.

³¹ Cf. *Idem, ibidem*, 14-15.

³² Cf. DH 125-126.

termo *homousious* por sugestão do Imperador Constantino³³. Isto demonstra como as palavras humanas (culturais) são necessárias para compreendermos e explicarmos melhor a Palavra de Deus.

Com estes propósitos, na descrição metafórica dos vários elementos da “armadura de um cristão” para o anúncio da fé (Ef 6,10-20), Paulo inclui também a importância dos sapatos: tende «os pés calçados com o zelo para propagar o evangelho da paz» (v. 15). Eis porque os sapatos são um elemento fundamental para o anúncio da fé cristã. Assim sendo, o que é que Deus nos diz por meio dos nossos sapatos?

³³ Cf. PIETRAS, *Concilio di Nicea (325) nel suo contesto*, 167-168.

Índice

Prefácio	7
-----------------------	---

Introdução	11
1. Filosofia dos sapatos	11
2. Sapatos bíblicos	13
2.1 Pluralidade semântica	14
2.2 Finalidade missionária	17
3. Dos sapatos às palavras	19
4. Das palavras aos sapatos	23

Capítulo I

Ressurreição - [Sapatilhas]	27
1. Sapatos e democracia	29
2. Pressupostos da ressurreição	32
2.1 Princípio gnosiológico	34
2.2 Fé pascal	35
2.3 Tipologias da razão	36
2.4 Articulação entre fé e razão	36
2.5 Contexto teológico	37
3. Argumentos da ressurreição	39
3.1 Sepulcro vazio	40
3.2 Aparições	43
3.3 Ação das testemunhas históricas	45
3.4 Frutos espirituais do anúncio	46
3.5 Literatura bíblica e não bíblica	47
3.6 Argumento da evidência	49
4. Anúncio da ressurreição	50
4.1 Critério da linguagem	51
4.2 Critério antropológico	53
4.3 Critério da paciência	55
4.4 Critério cristológico	57
5. As sapatilhas de Carlo Acutis	57

Capítulo II

Fé - [Sapatos de cerimónia]	59
1. Os sapatos do Seminário Menor	61
2. De Deus até ao humano	62
2.1 O que Deus não é	64
2.2 O que Deus é	66
2.2.1 A revelação vetero-testamentária	66
2.2.2 A revelação neo-testamentária	68
2.2.3 Uma definição dogmática	69
3. Do humano até Deus	70
3.1 Fé: entre acreditar e duvidar	71
3.2 Os três níveis de discipulado e de testemunho	73
3.3 Pedro e os dez tipos de fé	76
4. Os sapatos preferidos de Deus	80

Capítulo III

Caridade - [Sapatos rotos]	83
1. Os sapatos de Sarah Rozik	85
2. O Oitavo sacramento	86
2.1 Da caridade à pobreza	86
2.2 Aporofilia bíblica	88
2.3 Um Deus sem dinheiro	90
3. Cartografia da caridade hodierna	93
3.1 Recuperar as obras de misericórdia	95
3.2 A tentação dos pecados capitais	97
3.3 O risco dos pecados de estimação	100
4. Le scarpette di Sant'Illario	102

Capítulo IV

Esperança - [Sapatos de criança]	103
1. Os sapatos de Charles Péguy	105
2. A esperança cristã no meio das outras esperanças	107
2.1 A experiência da espera	108
2.2 Da esperança grega à esperança cristã (hebraica)	109
2.3 A esperança entre a fé e a caridade	112
3. Viver à luz da esperança	115

3.1 As características da esperança	115
3.2 O risco da esperança antropológica	117
3.3 Da esperança à eternidade	119
4. Figuras de esperança.	119
4.1 A esperança de uma mãe	120
4.2 A esperança de uma escrava	121
4.3 A esperança de um pescador	122
4.4 A esperança de um órfão	123
5. Os carmelitas calçados e os carmelitas descalços.	124

Capítulo V

Igreja - [Botas de trabalho]	127
1. As botas de Alan Turing	129
2. A Igreja de ontem	130
2.1 A comunidade originária de Jerusalém	130
2.2 A metamorfose eclesial	132
3. A Igreja de hoje.	137
3.1 A Igreja que Jesus não quis	137
3.2 A Igreja que Jesus quis.	140
4. A Igreja de amanhã	142
4.1 Modelos eclesiais.	143
4.2 Entre tradições e antecipações.	146
5. Os sapatos do Pastor de Hermas.	152

Capítulo VI

Família - [Chinelos de quarto]	155
1. Sapatos de Natal	157
2. A quarta obra da criação	158
2.1 Dois mandamentos familiares	159
2.2 Os familiares de Deus	163
3. A imperfeição da família	164
3.1 A mutação familiar.	165
3.2 A medula familiar	168
3.3 As crises do ciclo familiar	169
3.4 A terapia familiar de Jesus.	171
4. Os sapatos de Dorothy Gale	177

Capítulo VII

Ecologia - [Galochas]	179
1. Os sapatos de John Kennedy	181
2. As casas humanas	183
2.1 Da casa rural à casa urbana	183
2.2 A casa comum	185
3. Do paraíso perdido à terra prometida	186
3.1 A primeira pergunta de Deus	187
3.2 Do <i>Big Bang</i> ao <i>Big God</i>	188
3.3 Criados <i>ex nihilo</i> e <i>ex trinitate</i>	192
3.4 Cosmologia cristológica	195
4. Os sapatos de Neil Armstrong	197

Capítulo VIII

Silêncio - [Chinelos de praia]	201
1. Os sapatos de Auschwitz.	203
2. Livra-nos do mal.	205
2.1 A via cosmológica das primeiras civilizações	205
2.2 A via ontológica da cultura grega	206
2.3 A via teológica dos pensadores cristãos.	208
2.4 A via antropológica da filosofia moderna	211
2.5 Passos de uma resposta	214
3. Os silêncios de Deus	216
3.1 O silêncio da indignação	216
3.2 O silêncio pedagógico	217
3.3 O silêncio do amor.	219
4. Deus diante do mal	223
4.1 As várias respostas bíblicas	223
4.2 A causa, a existência e a dissolução do mal.	225
5. O sapato de Marc Chagall.	229

Capítulo IX

Humor - [Sapatos de palhaço]	233
1. O sapato de Charlie Chaplin	235
2. Entre a espada e o humor	236
2.1 Mixórdias filosóficas	237
2.2 Riso divino, diabólico e humano	240
3. Apóstolos do sorriso	242
3.1 Deus revela-Se pelo riso	243
3.2 Os três risos de Deus	245
3.3 Jesus vítima do humor	246
3.4 Humor e Santidade	249
4. Os sapatos de Patch Adams	253

Capítulo X

Maria - [Sapatos de mulher]	255
1. Os sapatos de Cinderela	257
2. <i>Trümmerfrauen</i>	260
2.1 O feminismo político	261
2.2 A costela e o ventre do homem	264
3. Maria, a bendita entre as mulheres	267
3.1 As casas de Maria	268
3.2 Uma incapacidade do diabo	273
3.3 A mulher escondida	276
4. Os sapatos de Joana Vasconcelos	277

Conclusão	281
1. As sandálias do filho pródigo	282
2. Os pés do Ressuscitado	283
3. Os sapatos mártires	284

Siglas e Abreviaturas	287
--	-----

Bibliografia	291
-------------------------------	-----